

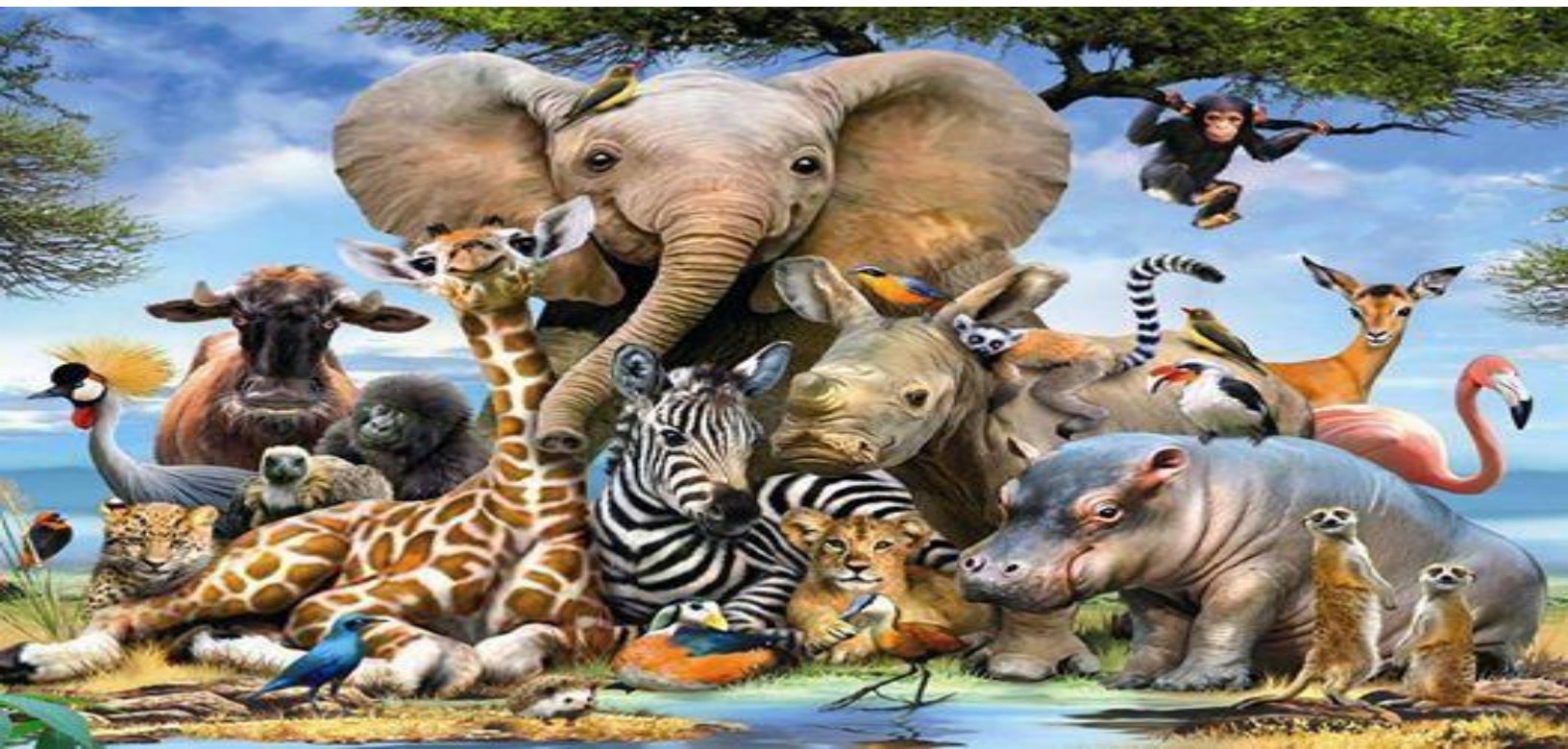


# TEORIAS DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

PROFESSOR TINOCO LUNA

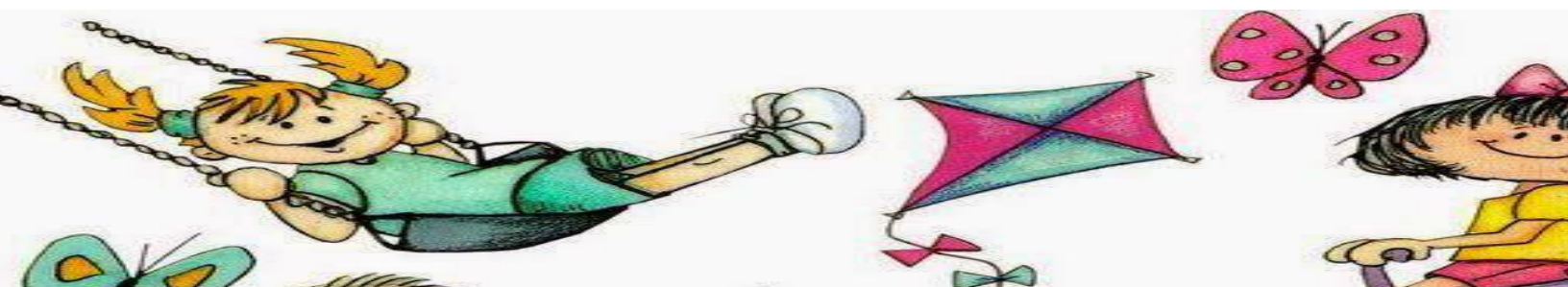


A aquisição da linguagem, ou seja, o modo como os homens aprendem a se comunicar, é um dos fenômenos mais admiráveis da natureza. Na terra existem milhares de espécies vivas, mas, apenas uma, o ser humano, consegue se comunicar com relativa e satisfatória eficiência. Os animais também conseguem se comunicar, porém de modo muito elementar e insipiente, pois, quando muito, emitem alguns poucos sinais, os mesmos que produziam lá na pré-história e que nunca aperfeiçoaram, sinais estes que são muito mais manifestações do instinto de sobrevivência do que propriamente uma linguagem.





Mas o que é mesmo aquisição de linguagem? Bem, na visão psicolinguística, a aquisição da linguagem é um processo em que a criança, desde o seu nascimento, vai desenvolvendo suas habilidades perceptuais e cognitivas, de modo a ir reconhecendo as propriedades da língua que ouve, a língua materna, e, ao mesmo tempo, vai entendendo o modo como essa língua deve ser usada nas situações reais de interação comunicativa. Em outras palavras, é o modo como a criança, no seu processo de desenvolvimento, vai percebendo e entendendo o mundo e, ao mesmo tempo, assimilando e praticando os sinais que as pessoas a sua volta utilizam para se comunicar.





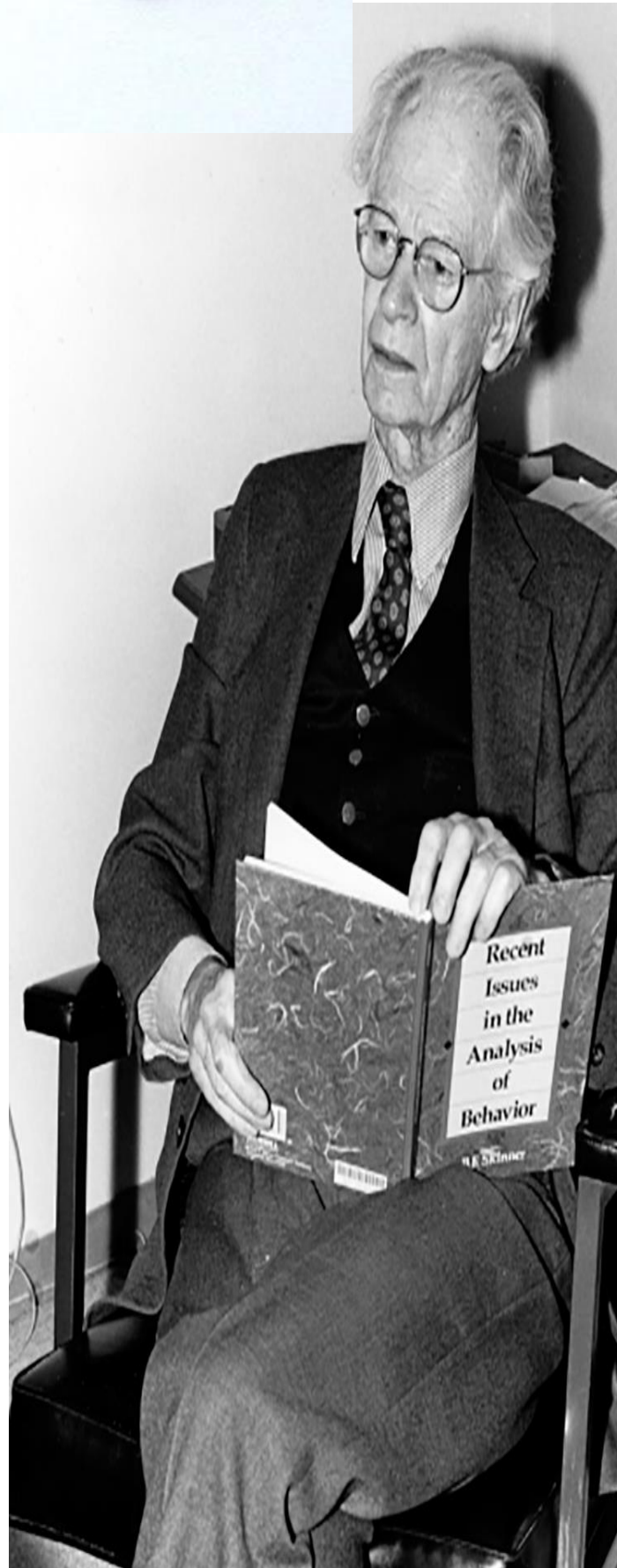
A aquisição da linguagem é um processo cujo estudo, como qualquer outra investigação científica, tem pressupostos epistemológicos que inspiram o seu debate, tem fundamentos filosóficos que justificam suas preocupações e tem correntes teóricas que procuram explicá-la. Neste sentido, a origem epistemológica das investigações sobre a aquisição da linguagem está na Grécia antiga, mais precisamente na divergência entre Platão e Aristóteles, envolvendo a concepção idealista de mundo do primeiro e a concepção sensorialista do segundo; os fundamentos filosóficos, numa consequência direta da divergência epistemológica citada anteriormente, estão na oposição entre racionalismo e empirismo. Como resultado desses embates epistêmicos e filosóficos, os quais atravessaram milênios, surgiram, no século XX, as teorias de aquisição da linguagem.

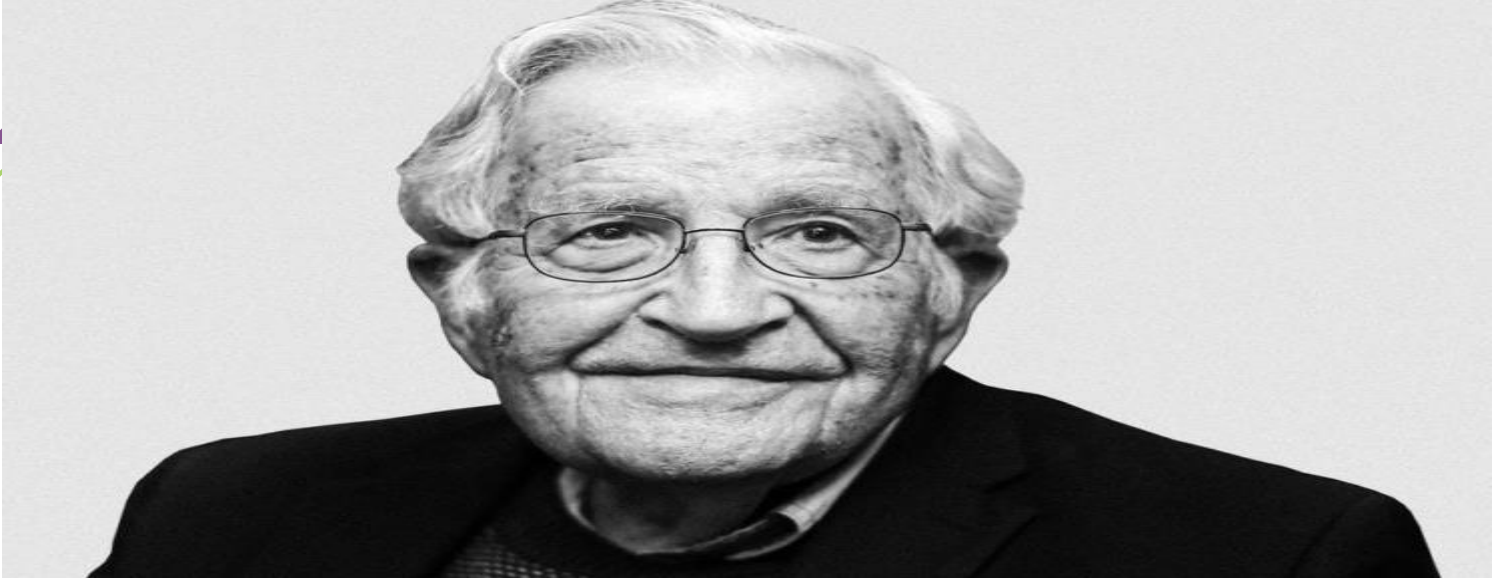
Existem muitas teorias que procuram explicar o fenômeno da aquisição da linguagem, mas, para a Psicolinguística, e para a abordagem que estamos adotando nesta disciplina, as que melhor contemplam o processo de aquisição são as seguintes: o Behaviorismo, o Inatismo, o cognitivismo construtivista e o Interacionismo social. Uma rápida observação: mais na frente, com o desenrolar desse artigo, vamos entender que a primeira corrente é de base empirista, as duas seguintes são de inspiração racionalista e a última pode ser vista como uma síntese das correntes anteriores ou como uma nova base epistemológica. Vamos então, a seguir, resumidamente, expor sobre cada uma dessas correntes.





O Behaviorismo, do psicólogo norteamericano Skinner, defende que a linguagem é um comportamento adquirido no contato do homem com o meio ambiente e baseia-se num esquema de estímulo-resposta e reforço-repetição. Ou seja, as pessoas recebem uma informação do meio externo (estímulo) e reagem (resposta) a essa informação; se a resposta for adequada ok, mas, se não for a resposta esperada ou simplesmente não houver resposta, outro estímulo é dado (o reforço) e esta operação é repetida até a resposta ser satisfatória. Para o Behaviorismo, é neste processo que a linguagem é adquirida, sendo, portanto, totalmente condicionada pelos fatores externos.





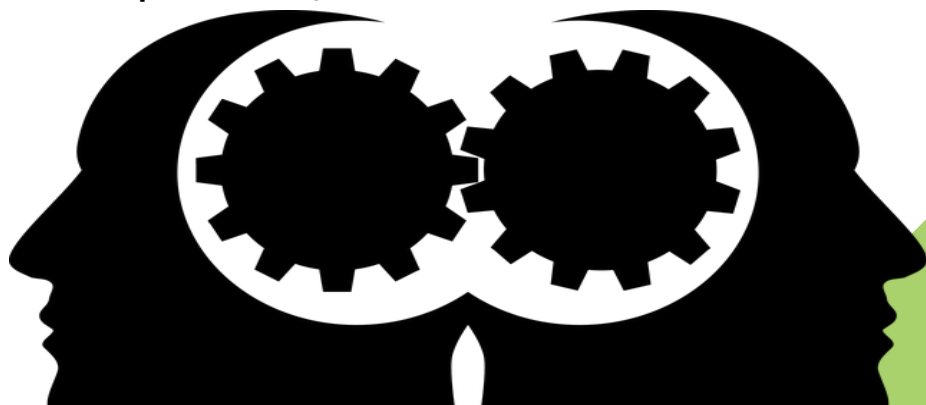
O Inatismo, do linguista também americano Noam Chomsky, é exatamente o oposto do Behaviorismo e prega que a aquisição da linguagem é inata e, portanto, nada tem de origem externa. Para os inatistas a capacidade da linguagem é genética e o homem já nasceria com todos os esquemas mentais preparados para adquirir e desenvolvê-la. A prova disso, para Chomsky, é que existiria uma gramática universal, ou seja, um sistema de regras básico e comum a todas as línguas naturais, sejam elas o português, o chinês, as indígenas ou qualquer outra. Ele mostrava como exemplo, o sistema SVO (Sujeito + Verbo + Objeto) que existe em todas as línguas e, portanto, seria um universal linguístico.



O Cognitvismo construtivista, do psicólogo suíço Jean Piaget, outra corrente de base racionalista, amplia a noção de inatismo genético de Chomsky, ao afirmar que a origem da língua é cognitiva, tem base mental sim, mas o intelecto cognitivo precisa trabalhar para construí-la (daí o nome Cognitvismo construtivista) aos poucos, em estágios, ao longo do desenvolvimento infantil. Para o Cognitvismo construtivista de Piaget, os estágios do desenvolvimento infantil, no curso dos quais a linguagem vai sendo adquirida, são os seguintes:



1º estágio: Sensório-motor, de zero a 18 meses de vida; nesta fase a criança faz os primeiros contatos com o mundo a sua volta através dos cinco sentidos e procura explorá-lo engatinhando; é um período em que se começa a adquirir as seguintes habilidades linguísticas: a *fonética-fonológica* ao diferenciar os sons, a *interação social* no contato com a mãe e pessoas próximas e a *morfológica*, pois, ao final dos 18 meses uma criança tem conhecido pelo menos 50 palavras;





2º estágio: Pré-operatório, de 2 a 7 anos; esta é a fase do simbolismo e da representação; aqui um cabo de vassoura vira um cavalo e uma caixa de fósforo é um carro, por exemplo. Também se desenvolvem as noções de tempo e espaço e um rápido aumento de vocabulário. Por ser um período longo, divide-se em dois: o pré-operatório egocêntrico, de 2 a 4 anos, quando a criança não consegue se colocar no lugar do outro e o pré-operatório intuitivo, de 4 a 7 anos, quando a criança age por intuição, repetindo ou imitando os outros, por não ter ainda a habilidade da compreensão. As habilidades linguísticas adquiridas e/ou desenvolvidas neste período são: interação, fonética-fonológica, morfológica, sintática, discursiva e língua escrita.





A quarta e última corrente, de acordo com a abordagem que estamos fazendo, é o Interacionismo social, do russo Lev Vygotsky. Para os interacionistas sociais ou sociointeracionistas, a linguagem é adquirida no processo de interação social, ou seja, na necessidade de comunicação de um ser social com outro. Apesar de levar em conta a contribuição das correntes anteriores, os estudos de Vygotsky, centram seu foco na interação social como fator determinante da aquisição da linguagem. Desse modo, é possível encarar essa corrente de dois modos: como uma síntese das correntes anteriores, herdeira das contribuições empirista e racionalista, ou mesmo como um salto epistemológico, um novo paradigma, o que a colocaria um degrau acima das outras, ou pelo menos no mesmo nível delas.





Diante do exposto, a título de considerações finais, convém ressaltar que não existe uma corrente teórica que, isoladamente, consiga explicar a contento os processos de aquisição da linguagem. Desse modo, haverá sempre a necessidade da interdisciplinaridade e do diálogo entre elas para que se possa entender sempre mais um pouco acerca do intrigante fenômeno por meio do qual o homem adquire sua linguagem.





## SUGESTÕES PARA CONTINUAR PESQUISAS EM PSICOLINGUÍSTICA:

KATO, M. A. **No mundo da escrita**: uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 2002.

SCLIAR-CABRAL, L. **Introdução à psicolinguística**. São Paulo: Ática, 1991.

PIAGET, Jean. **A linguagem e o pensamento da criança**. São Paulo: Cultrix, 1976.

GODOY, Elena. **Psicolinguística e Letramento**. Curitiba: InterSaber, 2012. Disponível em: <http://fvj.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788565704427>

GODOY, Elena. DIAS, Schalkoski. **Psicolinguística em foco**: linguagem, aquisição e aprendizagem. Curitiba: Intersaber, 2014. Disponível em: <http://fvj.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788544300510>

MAIA, Marcus. **Psicolinguística, psicolinguísticas**: uma introdução. São paulo: Contexto, 2015. Disponível em: <http://fvj.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788572449076>

RÉ, Alessandra Del. **Aquisição da linguagem**: uma abordagem psicolinguística. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2009. Disponível em: <http://fvj.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788572443371>

SCARPA, Ester. **Aquisição da linguagem**. In: MUSSALIN, F. & BENTES, A. C. (orgs.) **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, vol.2, São Paulo: Cortez, cap. 7, p. 203-232, 2001.

